



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8090 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Direito à Educação: interdições, sentimentos e memórias

Sonia Maria Schneider - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DIREITO À EDUCAÇÃO: INTERDIÇÕES, SENTIMENTOS E MEMÓRIAS

O presente resumo expandido tem como propósito discutir resultados e caminhos de uma investigação que objetivou compreender emoções e sentimentos relatados por sujeitos jovens, adultos e idosos que sofreram interdições para o exercício do direito à educação em qualquer fase de suas vidas, considerando para essa compreensão contextos históricos e políticos, culturais e socioeconômicos, assim como aspectos que caracterizam a oferta de educação nas escolas possibilitando, ou não, a permanência e o acesso, como elementos que determinam, ou contribuem fortemente, para a interdição do direito à educação.

A investigação, e as problemáticas e perspectivas que dela emergiram, tomou o *sofrimento ético-político* como categoria de análise (SAWAIA, 2009), e se apoiou nas *interrogações poderosas* (SANTOS, B. S., 1997), consideradas contra hegemônicas pelo autor e recomendadas como meio para que o conhecimento avance pela penetração em pressupostos epistemológicos e ontológicos do saber já constituído, de modo a introduzir valores e ética nos conceitos científicos.

A pesquisa de campo se fez em etapas sucessivas, com participação e reflexão coletiva de todos os integrantes do grupo de pesquisa. A partir de reuniões, elegemos os locais e os sujeitos de pesquisa, além de discutirmos os meios para a produção de dados, valendo-nos de áudio e videogravação de entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013). A opção metodológica pela adoção de videogravação para a produção de material empírico se fez em função dos objetivos e do objeto de pesquisa. Ao buscarmos apreender emoções e sentimentos, reações a questões colocadas nas entrevistas, expressões de afeto nas narrativas de memórias, de raiva, de dor, entre outras, a videogravação revelou-se instrumento que permitiu o reencontro com o momento mesmo da entrevista, e, em especial, o compartilhamento das entrevistas de modo a possibilitar um movimento de análise compartilhado pelo e no grupo, com diferentes visões, questões, abrindo-se para a possibilidade de evocar maior riqueza de possibilidades e perspectivas para as análises e reflexões.

Os resultados iniciais, ainda em trabalho de análise, revelaram a complexidade da categoria de base da investigação – *sofrimento ético-político*. Conforme Sawaia (2009, p. 370), “[...] a relação entre as ameaças provenientes da desigualdade social e as respostas afetivas dos que a ela se assujeitam compõe um processo psicológico poderoso à reprodução da desigualdade”, conceituado como *sofrimento ético-político*. Sawaia (2009, p. 370) ressalta que a conceituação de *sofrimento ético-político* objetiva, também, “[...] distingui-lo do

sofrimento ontológico a que todos os seres vivos estão sujeitos, ao qual se soma”.

O trabalho de campo se deu numa diversidade de localidades visando conhecer as emoções, memórias e afetos de sujeitos de pesquisa em seus locais de moradia, de trabalho, de vida, ou de luta pela moradia, como foi no caso dos assentamentos, ou de pessoas de regiões urbanas, sem moradia, os Sem Teto. Visamos conhecer esses sujeitos nesses espaços e territórios, mas, ao mesmo tempo, conhecer suas histórias relacionadas à escola, suas memórias e emoções que a evocação dessas memórias fez emergir em seus aspectos mais singulares, de suas vivências, de seus sentimentos sobre elas.

Entre outros locais, nosso trabalho de campo se deu em dois assentamentos. No primeiro assentamento, o mais antigo, que chamarei de Assentamento A, entrevistamos, entre outras pessoas, uma mulher de 70 anos de idade, que se autodeclarou preta, de nome fictício Lúcia.

Lúcia nos recebeu em sua casa, onde mora com o marido. A entrevista foi feita em seu quintal, onde brincavam duas crianças que pensamos que fossem seus netos, mas ao longo da entrevista Lúcia nos contou que eram filhos de uma moradora do Assentamento que trabalhava e não tinha onde deixar as crianças, e ela tomava conta das crianças para ela. Lúcia tem dez filhos vivos, tendo perdido dois filhos quando pequenos, mas nenhum de seus dez filhos mora no mesmo local que ela. Em função da necessidade de trabalhar, todos foram morar em cidades próximas, ou mesmo em cidades mais distantes.

No decorrer da entrevista, Lúcia repetia o movimento de tapar a boca enquanto falava. Na videogravação percebemos que esse movimento iniciou-se quando ela falava, sem que nenhuma pergunta fosse ainda feita, assim que nos sentamos diante dela, dizendo “Eu sinto muita falta do colégio”, com a mão tapando a boca.

No decorrer de toda a entrevista, a dor e o sofrimento são fortes nos relatos, nos olhares, nas expressões faciais. Fome, perda de filhos, trabalho desde criança, interrupção da escola por intervenção do pai, - que decidiu que ela tinha que cuidar dos irmãos -, foram narrados com emoção e lágrimas nos olhos. A raiva se destaca quando Lúcia se refere ao casamento aos 17 anos de idade, mas ao mesmo tempo em que demonstra raiva, fala baixinho conosco nesses momentos, olhando para os lados, parecendo ter medo de que o marido, que estava em casa, escutasse o que ela dizia. Medo e raiva aparecem durante vários momentos da entrevista. Ela conclui dizendo a frase “Eu quero ter e ser”. Perguntada se a vida fora justa com ela, responde “Foi mesmo, foi injusta, porque muita coisa que eu tinha vontade de ter e de ser eu não sou. Acho que se eu tivesse estudado eu teria a minha liberdade, entendeu? E hoje eu não tenho.”

Não intenciono apresentar a análise e os achados da entrevista com Lúcia neste resumo, mas algumas questões podem ser aqui apresentadas. O sofrimento ético-político nessa história, para Lúcia, em suas emoções e memórias, está incorporado-na mão que tapa a própria boca enquanto fala, e reproduz, assim, a situação de submissão na qual está enredada. A luta pela terra, na qual sabe ser vitoriosa, não lhe conferiu o sentimento de ter a terra, de ser quem ela quer, de ser livre.

As relações desiguais entre homens e mulheres, nas quais as mulheres ficam com os papéis subalternos, sem escolha, acirra a desigualdade à qual Lúcia e outras tantas mulheres estão submetidas. A pobreza, o trabalho servil, mal remunerado, a fome, a dor da perda de filhos pequenos, Lúcia, em parte, parece ter superado, mas a submissão aos poderes masculinos, que decidem o que ela terá ou será, ou o sentimento de que não pode se libertar disso, Lúcia não consegue superar. A raiva parece imobilizá-la ainda mais, porque tem como aliado o medo, este também incorporado, no olhar que procura o inimigo, o tirano que o

marido se tornou para ela.

O sofrimento ético-político, nessa situação:

“Trata-se de sofrimento/paixão gerado nos maus encontros caracterizados pela servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de padecimento, isto é, de reação, e não de ação, na medida em que as condições sociais se mantêm, transformando-se em estado permanente de existência” (SAWAIA, 2009, p. 370).

A categoria analítica de sofrimento ético-político (SAWAIA, 2009), confrontada, ou tensionada pelos achados de pesquisa, pela produção do material empírico, em especial, das videogravações, e pelas vivências, encontros e aprendizados que o trabalho de campo propiciou para todos os pesquisadores envolvidos, mostrou sua fertilidade pela abertura para uma diversidade de perspectivas e de caminhos de análise.

Palavras-chave: Direito à educação. Interdições. Sofrimento ético-político. Interrogações poderosas.

REFERÊNCIAS

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A queda de *Angelus Novus*. Para além da equação moderna entre raízes e opções. *In: Novos Estudos CEBRAP*, n. 47, mar. 1997, p. 103-124.

SAWAIA, Bader (org.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. p. 97-118. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.